

MEGALITISMO DA BACIA DO DOURO (MARGEM SUL)

por

Eduardo Jorge Lopes da Silva*

Resumo: Referência às recentes escavações em monumentos megalíticos de Castelo de Paiva, Cinfães e Resende (margem sul do Douro), numa visão de conjunto, nomeadamente em relação às arquitecturas tumulares.

Palavras-chave: Megalitismo. Douro. Arquitecturas.

1. INTRODUÇÃO

Dentro da planificação prevista no projecto de investigação que vimos desenvolvendo no Norte de Portugal, iniciámos, em 1988, um conjunto de escavações em monumentos megalíticos implantados em concelhos da margem sul da bacia do Douro, com o apoio das respectivas Câmaras Municipais e do extinto IPPC, e com a valiosa colaboração de uma equipa-base de jovens arqueólogos, que ao estudo do megalitismo se vêm dedicando.

Esta investigação corresponde à acção desenvolvida numa das áreas geográficas que entendemos dever privilegiar, permitindo correlacionar o megalitismo desta região, de grande altitude, com o megalitismo do Minho, especialmente o de cotas mais baixas, como é o caso dos megálitos implantados a pequena distância da faixa litoral, alguns dos quais aí escavámos.

Nem sempre o trabalho de investigação, qualquer que seja a sua abrangência, atinge, a curto prazo, a comunidade científica. Sendo o trabalho de campo a principal base de apoio da investigação arqueológica, por vezes, o manancial de informações que o terreno fornece, em primeira mão, é em tal quantidade, que obriga a um aturado e prolongado tratamento de gabinete, a que se associam as espec-

* Do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense. Av. Rodrigues de Freitas, 339, 4000 Porto.

tativas decorrentes de análises várias, de que as do C14 são exemplo, sendo estas, não poucas vezes, assaz demoradas.

É um trabalho sem ruído mediático, esse, o do laboratório, mas que, como é óbvio, fundamenta a reflexão e as conclusões que as publicações científicas hão-de comportar.

Porque a investigação de maior fôlego determina, sempre, uma maior morosidade no tratamento final dos dados, com uma necessária visão abrangente, em que todos os elementos estabelecerão correlações que se irão cruzar em múltiplas conexões, corre-se o risco de os demais investigadores não terem acesso às principais novidades decorrentes dos mais recentes trabalhos de campo.

Considerando a importância que um Congresso de Arqueologia, como este, potencializa, tanto a nível nacional, como internacional, e reconhecendo que o acaso colocou no nosso percurso um importante somatório de novos dados, não pudemos rejeitar o imperativo que nos leva a tornar públicos alguns desses dados, ainda que não definitivos, correspondentes a um megalitismo que, de forma pragmática, toma por charneira o rio Douro.

2. O MEGALITISMO DO DOURO SUL

Os concelhos que configuram a bacia hidrográfica do baixo Douro (a partir da Régua) possuem, ainda, uma riqueza de monumentos megalíticos assinalável. Neste particular, citem-se os concelhos de Cinfães, Castelo de Paiva e Resende, com destaque para as Serras de Montemuro e Leomil (abrangendo esta última o concelho de Moimenta da Beira).

Nesta zona, o projecto que desenvolvemos centrou o seu interesse, primeiramente, no concelho de Cinfães, pois que aí realizámos, previamente, uma pesquisa de campo, de que resultou a inventariação de uma série de monumentos totalmente desconhecidos. A importância de alguns megálitos, bem como a sua implantação, levaram-nos a eleger a Serra de Montemuro como local prioritário de acção. Aqui, escolhemos um núcleo de mamoaes que, entre algumas características particulares, se encontravam fronteiras à Serra da Aboboreira, cuja necrópole vinha sendo estudada exaustivamente.

Posteriormente, virámos a proceder ao levantamento arqueológico do concelho de Castelo de Paiva, a que se seguiria a fase de escavação. Por último, conhecido que se tornou o concelho de Resende, e porque os monumentos megalíticos desta área se implantam numa das extremidades da Serra de Montemuro (a 6ª serra de maior altitude, do sistema orográfico português, com 1382 metros), também aqui viemos a iniciar intervenções de campo.

O trabalho que aqui propomos visa, pois, dar uma panorâmica, uma síntese,

necessariamente breve, da actividade que desenvolvemos, nos últimos anos, nos três concelhos aludidos. Faremos referência aos monumentos escavados, numa sequência geográfica, de jusante, para montante.

3. CONCELHO DE CASTELO DE PAIVA

Os monumentos megalíticos escavados neste concelho correspondem às mamoaas 1, 2 e 3 do Núcleo de Carvalho Mau, freguesia de S. Pedro do Paraíso. Situados a uma altitude de 400 metros, estes monumentos encontravam-se muito próximos uns dos outros.

A Mamoa nº3, bastante destruída, era a mais maltratada das três. Não possuía quaisquer vestígios de esteios *in situ*.

A Mamoa nº2, cujo *tumulus*, era, como nas demais, constituído por terra barrenta, compacta, apresentava, ainda, restos de uma carapaça lítica, constituída por pedras xistosas.

Estes dois monumentos caracterizaram-se por revelarem, no interior dos *tumuli*, uma pouco vulgar estrutura lítica, de feição circular, e razoavelmente bem conservada na Mamoa 2. Aqui, este anel organizava-se sensivelmente no centro do monumento, apoiando-se, directamente, no solo de base. Apresentava um diâmetro N-S (face interna) de 2,50m. Não se notaram negativos de implantação de ortostatos.

A Mamoa nº1 era a que apresentava maiores dimensões, distinguindo-se, desde logo, das demais, pelo seu porte, ainda que todas fossem visíveis numa única abrangência do olhar.

Este monumento, por um conjunto de razões, foi o que sofreu uma intervenção mais prolongada, através da realização de duas campanhas sucessivas.

Apesar de violado, a escavação deste monumento viria a revelar vários dados de grande interesse.

Contrariamente ao que se esperava, não evidenciou qualquer estrutura circular, semelhante às detectadas nas mamoaas próximas. Ao invés, pôs-se em destaque o resto de uma estrutura dolménica, constituída por vários ortostatos em xisto, facto que importa aqui relevar, dado que, no Norte de Portugal, são muito raros os megálitos implantados em terrenos com esta constituição, ou que possuem as principais estruturas construídas com tal tipo de rocha.

Esta estrutura, que classificamos como “corredor” (com 6 esteios), é de altura mediana, de lados convergentes, limitados por uma laje que oblitera a abertura.

Envolvendo a zona de enterramento, destacou-se uma belíssima estrutura de contrafortagem, bastante bem conservada, constituída praticamente por pedra seca,

tipo “cairn”.

Na parte periférica, lado Este, detectaram-se as pedras da carapaça lítica. Foi aí que se localizou a maior quantidade de espólio. De resto, esse espólio, principalmente cerâmico, caracterizou-se pela abundância e variedade (mais de quatro centenas de fragmentos, dos quais metade apresentavam decoração), com destaque para o elevado número de bordos (mais de uma centena). Entre estes fragmentos, há que destacar a decoração campaniforme. Exumou-se, também, um recipiente completo, igualmente decorado, tipo “copo”. Foi, ainda, localizado espólio lítico (sobretudo pontas de seta e lâminas), além de uma espiral, presumivelmente em prata (ainda não analisada).

Este núcleo destacou-se, pois, pela variedade e raridade das suas estruturas, bem como pelo espólio.

A escavação destas três mamoa (1989-90) teve de ser antecipada em relação à data por nós planificada, face a um convite do então IPPC, para aí realizarmos uma intervenção de emergência. Com efeito, para aquela área foi prevista a construção de uma unidade fabril, com a qual se estabeleceram contactos, de forma a articular-se a sua implantação, sem prejudicar a coabitação do empreendimento com os monumentos. Infelizmente, e após reuniões entre arqueólogo, autarquia e o então existente Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, com todas as condicionantes e acordos perfeitamente definidos, as máquinas da autarquia viriam a terraplanar a área, com destruição das Mamoas 3 e 2, e mutilação da nº1, para onde estava prevista, ainda, uma última campanha de escavações. No momento, a questão segue a tramitação normal, após denúncia do arqueólogo e queixa do Departamento de Arqueologia, formalizada ao Ministério Público.

4. CONCELHO DE CINFÃES

Encontra-se neste concelho um dos mais importantes megálitos funerários do norte do País. Implantado a mais de mil metros de altitude, em plena Serra de Montemuro, a Mamoa 1 de Chão do Brinco foi descoberta em trabalho de prospecção, não havendo dela notícia, até então.

Situada num dos “plateaux” daquela serra, esta mamoa faz parte de um núcleo de 3, embora outras haja a uma distância não muito grande. Deste núcleo, foi também escavada a Mamoa 2, que se distinguiu, em contraste, pela quase total ausência de espólio.

A Mamoa 1 foi por nós escavada em 4 campanhas sucessivas (1988-91), aguardando-se oportunidade para uma última intervenção, a fim de se resolverem alguns problemas pendentes.

Não sendo possível dar, aqui, notícia circunstanciada de tudo quanto este megálito revelou, iremos resumir alguns dos aspectos que nos parecem mais relevantes, não os esgotando, contudo.

Quanto à sua implantação, importará referir que, do local onde se situa, é perfeitamente visível o perfil da Serra da Aboboreira, zona megalítica bem conhecida.

A mamoa apresenta um *tumulus*, de alguma forma invulgar, pois que todo ele é praticamente constituído por pedras graníticas, o que ultrapassa a habitual carapaça de superfície, mais se assemelhando a um “cairn”. Bem destacados, eram visíveis, no momento da intervenção, dois esteios, *in situ*, com cerca de 3 metros de altura, além de um grande fragmento da tampa.

Um raro atractivo desde logo se nos evidenciou: as notáveis gravuras que eram já visíveis (ainda que incompletamente) na face interna do esteio de cabeceira. Sendo certo que as gravuras deste painel são as que mais impressionam, pela sua boa conservação, pela temática e pela vastidão da área utilizada (praticamente toda a superfície interna da laje), o monumento apresenta, ainda, outro esteio com um serpentiforme, tendo a escavação revelado um novo ortostato, tombado no interior da câmara, com nítidos vestígios de pinturas. Mas, com o decorrer dos trabalhos, a temática desta arte funerária megalítica viria a enriquecer-se com mais 5 pequenas lajes, das quais se destaca uma, pela associação de pinturas e gravuras, e, outra, pelo facto de corresponder a um motivo antropomórfico, de tipo “estela”. Concluído que foi o seu estudo, viríamos a dar primeiro conhecimento público desta descoberta no “115^e. Congrès National des Sociétés Savantes”, realizado em Avignon (França), no ano de 1990. Do texto publicado nas respectivas Actas, editadas, em Paris, no corrente ano de 1993, respigamos algumas passagens, que consideramos mais significativas, atendendo à importância desta estela e à sua ainda escassa divulgação.

A comunicação apresentada nesse Congresso temático, dedicado às representações humanas, desde o Neolítico à Idade do Ferro, teve por base o estudo de duas gravuras, de feição antropomórfica, de configuração e estilo pouco comuns, correspondentes a outros tantos monumentos megalíticos da região norte, pertencendo uma à Mamoa da Eireira (Afife, Viana do Castelo), dizendo a outra respeito a um pequeno monólito da Mamoa de Chão do Brinco, em Cinfães.

Este último motivo inscreve-se numa pequena laje granítica, alongada, de configuração sub-rectangular, localizada à entrada do pequeno corredor. Quando analisada com mais cuidado, revelou a existência de uma gravura, que classificámos como um antropomorfo esquemático. Possui as seguintes dimensões: 1,16m de comprimento, 0,19m de largura média e 0,08m de espessura.

A gravura é constituída por uma linha que se inscreve paralela às extremidades laterais e superior da pedra, prolongando-se até à sua parte média.

Correndo, segundo o eixo de simetria da superfície lítica, possui um outro sulco, de execução semelhante aos anteriores.

A uma distância quase simétrica deste sulco central, são visíveis duas pequenas concavidades, dispostas horizontalmente.

Estamos, assim, perante uma representação antropomórfica simplificada, a que não falta a representação dos olhos.

Este monólito foi concebido, originalmente, para ser colocado verticalmente no terreno, assumindo-se como uma pequena estátua.

Esta estela da Mamoa 1 de Chão do Brinco impressiona pela sua simplicidade e o seu estilo alongado é semelhante a outras representações de figuras interpretadas como ídolos.

A simplificação pressupõe, aqui, uma elevada ideia de abstracção e de conceptualização, através da eliminação de alguns atributos anatómicos, substituídos por um profundo simbolismo.

Estilisticamente, a estela de Chão do Brinco mostra-nos uma tendência para o alongamento das linhas da figura humana, com uma representação excessiva do sulco que define o nariz, tal como acontece com as estátuas-menires.

Do ponto de vista interpretativo, esta estela, considerando a ambiência em que foi encontrada, bem pode ser tida como uma divindade protectora dos mortos.

Um dos aspectos de grande significado tem a ver com a proveniência bem definida desta peça e do seu contexto arqueológico, nomeadamente do espólio que lhe fica associado — pormenor que está ausente na maior parte de outros exemplares conhecidos, particularmente em França.

Cronologicamente, poderá enquadrar-se no período Calcolítico, ou na Idade do Bronze, a fazer fé em alguns materiais com ela contextualizados.

A escavação deste monumento viria a revelar outros dados de grande interesse, sobretudo a nível de espólio, tendo-se exumado mais de 4000 contas de colar, discóides, em xisto, cerca de duas dezenas de micrólitos, além de cerâmica campaniforme.

Uma pequena peça de adorno, em ouro, foi, também, recolhida.

5. MENIR DO MARCO DA JOGADA

Em resultado de continuado trabalho de prospecção realizado no concelho de Cinfães, viríamos a descobrir, há cerca de 4 anos, um monólito, erecto que, desde logo, se mostrou merecedor de particular atenção, considerada a sua morfologia e contexto arqueológico.

Deste menir, conhecido por “Marco da Jogada”, não se conhece qualquer referência, quer oral, quer escrita, dele se dando, aqui, pela primeira vez, notícia

pública.

Encontra-se a uma altitude de cerca de 1000 metros, na Serra de Montemuro, relativamente próximo de vários núcleos de mamoaas, e a poucos quilómetros da Mamoa 1 de Chão do Brinco.

O monólito é de pequena estatura (1,40m) e encontra-se sumariamente afeiçãoado. Apresenta dois cruciformes, um no topo e outro lateral.

Uma das características mais interessantes corresponde à existência de uma estrutura pétrea circundante, revelada através da escavação ali efectuada no mês de Setembro deste ano. Com cerca de 4 metros de diâmetro, esta camada de pedras, definindo uma área circular, estava completamente oculta no início dos trabalhos.

Não há espólio a referir. Talvez que a única amostra de carvões vegetais que pôde ser recolhida permita uma datação fiável, o que seria de grande importância.

6. CONCELHO DE RESENDE

Dando continuidade ao estudo do megalitismo da Serra de Montemuro, realizámos a escavação da Mamoa 1 de Feirão/Felgueiras, nos anos de 1991-92. O núcleo é constituído por 4 mamoaas, havendo conhecimento de mais uma outra, isolada, a pequena distância.

Situado numa zona de altitude (cerca de 1000 metros), este monumento revelou, do ponto de vista de arquitectura dolménica, uma câmara simples, aberta, com a particularidade de evidenciar um pequeno ortostato, em forma de *pilar*, colocado junto da entrada, do lado norte.

Uma estrutura de contrafortagem envolvia as lajes dolménicas.

Em relação ao espólio, a escavação revelou contas de colar discóides, em xisto, machados de pedra polida, lâminas, micrólitos, cerâmica lisa e vários moinhos em granito, pormenor a merecer alguma atenção, pela sua apreciável quantidade, não muito comum no norte do País.

7. CONCLUSÃO

Em síntese breve, pode concluir-se, pelo exposto, que o estudo que se vem desenvolvendo nos concelhos que configuram a bacia sul do rio Douro permitirá estabelecer a ligação, geograficamente mais próxima, entre o megalitismo da grande necrópole da Serra da Aboboreira e o megalitismo da outra margem do Douro, com particular incidência na Serra de Montemuro; um prolongamento para SW é, igualmente, de referir, com relevo para os trabalhos recentes que se vêm

desenrolando, de forma sistemática, no concelho de Arouca.

Sendo cedo, ainda, para se forjarem grandes conclusões, que pecariam, por ora, pela precariedade óbvia, pode-se, porém, começar a antever uma nova franja de leituras, que poderão apontar para algumas confirmações, conjugadas com a abertura de novas pistas.

Vemos, por exemplo, que os monumentos megalíticos funerários surgem mais nuclearizados nas regiões de altitude, sendo esta característica comum aos 3 concelhos aqui tratados.

Do ponto de vista arquitectónico, é comum encontrarem-se núcleos com arquitecturas dolménicas distintas (casos do núcleo de Carvalho Mau, Castelo de Paiva, e de Chão do Brinco, Cinfães, com a Mamoa 2 a diferenciar-se, em tudo, da que lhe fica quase contígua). O consabido polimorfismo é apenas um ponto de partido para novas e enriquecedoras abordagens, adentro de uma complexidade cada vez mais consciencializada.

As manifestações de arte continuam a ser raras, nesta zona, destacando-se um único dólmen com tais características, entre os 6 estudados. A sua riqueza e variedade contrasta, contudo, com todas as outras manifestações semelhantes que se conhecem no norte de Portugal, com excepção do dólmen de Afife.

Em termos de ocorrência de espólio, os monumentos estudados na zona do Douro sul caracterizam-se por uma maior abundância e diversidade, com destaque para o surgimento de elementos de adorno, metais preciosos (ouro e prata) e cerâmica campaniforme (Castelo de Paiva e Cinfães), a que se ligam elementos arcaizantes, como os micrólitos, surgidos, em quantidade apreciável, em Chão do Brinco 1.

A área do Montemuro parece, assim, estabelecer alguma ligação, quanto à quantidade e riqueza do mobiliário votivo, em direcção ao sul, particularmente em relação à região da Beira Alta. Tudo prematuro, é certo. São pistas flutuantes, que outro significado não têm, por enquanto, que não seja o de chamar a atenção para uma nova realidade, a que valerá a pena estar-se atento, desde já, bem como ao futuro desenvolvimento das pesquisas que se continuarão a fazer nestas áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, *et. alii* (1990), Portugal — Das Origens à Romanização, *Nova História de Portugal*, Vol. I, Ed. Presença, Lisboa.
- SILVA, Eduardo Jorge L. (1990), Primeira Notícia da Escavação de Emergência do Núcleo Megalítico de Carvalho Mau (S. Pedro do Paraíso — Castelo de Paiva), *Revista de Ciências Históricas*, Vol. V, Universidade Portucalense, Porto.
- SILVA, Eduardo Jorge L. (1993), Représentations humaines sur deux Monuments Mégalithiques de la Région Nord du Portugal, *Actas do 115.º Congrès National des Sociétés Savantes* (Avignon, 1990), Paris.



Fig. 1 — Mamoa 2 de Carvalho Mau (Castelo de Paiva): o anel lítico basal e a fossa central.



Fig. 2 — Mamoa 1 de Carvalho Mau (Castelo de Paiva): vista geral do monumento, com evidência da estrutura de contrafortagem.



Fig. 3 — Mamoa 1 de Chão de Brinco (Cinfães): vista parcial do monumento (zona da câmara).

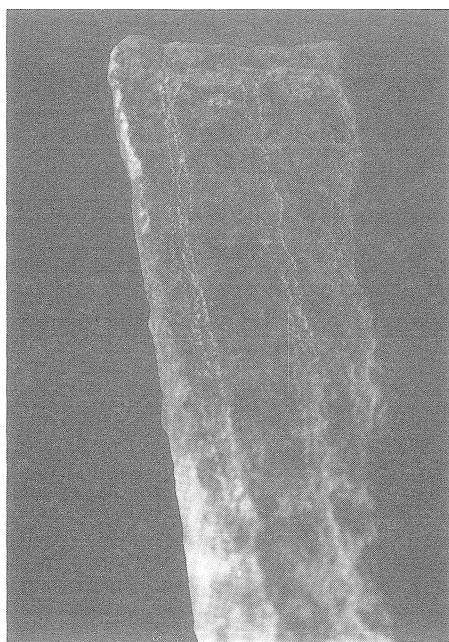


Fig. 4 — Estela antropomórfica da Mamoa 1 de Chão de Brinco (Cinfães).

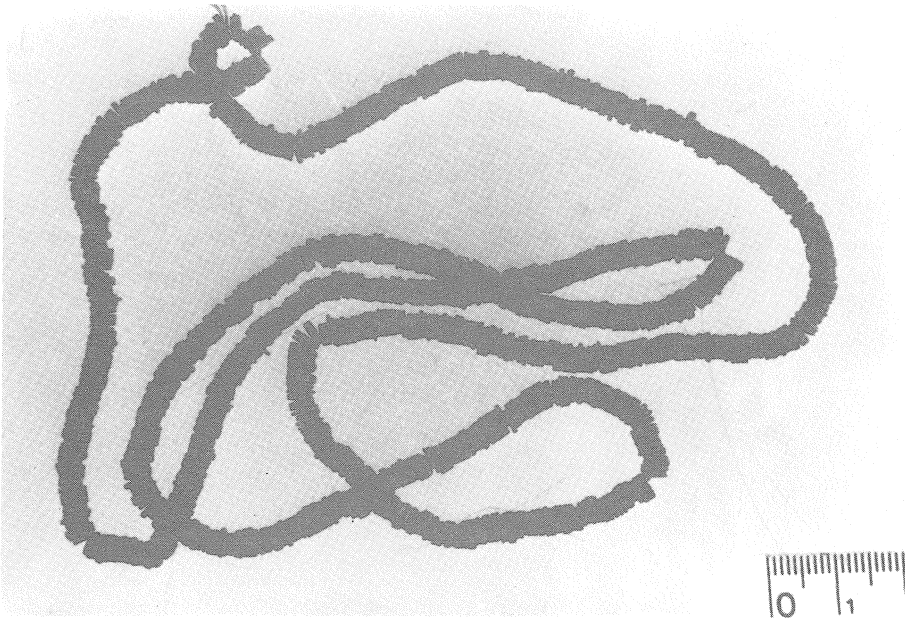


Fig. 5 — Contas de colar, discóides, em xisto, provenientes da Mamoa 1 de Chão de Brinco (Cinfães).



Fig. 6 — O menir de Marco da Jogada (Cinfães), antes da intervenção arqueológica efectuada em 1993.



Fig. 7 — A Mamoá 1 de Feirão/Felgueiras (Resende).